

## **ESCRITAS DE MIM: A MEMÓRIA, A FORMAÇÃO E A PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA**

### **ANA GLÍCIA DE SOUZA MEDEIROS**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: anaglicia@hotmail.com

### **MARIA ANTÔNIA TEIXEIRA DA COSTA**

Professora Dra. da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Também ministra juntamente com Professora Ana Lúcia Aguiar Leandro a disciplina a qual nos reportamos nesse estudo. E-mail: prof.maria.antonio@hotmail.com

### **Considerações Iniciais**

Sem dúvida, toda experiência a qual nos lançamos na nossa vida pessoal, profissional requer de nós sempre novos posicionamentos, reflexões acerca de tudo que nos aparece como novo. No presente estudo pretendemos expor alguns estudos até então realizados para apresentação de um seminário na disciplina de Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC). Também trataremos nossos relatos com relação as lições agregadas a nossa formação até o presente momento, estabelecendo diálogos com os autores a priori estudados.

Assim como uma colcha de retalhos que nos propusermos a dar formas, segue a minha vida, acrescentando novos fios e novas costuras, que serão desmanchadas e refeitas com o objetivo de fazer da minha história da minha vida profissional, um tecer contínuo, mediada pela leitura que farei, e fazer destas, momentos de desconstruções e construções, atribuição de significado a vida vivida. ( SOUZA E CORDEIRO, p. 6; 2007)

Num dos relatos apresentados por Souza e Cordeiro (2007) vimos que ele apresenta a vida como uma colcha de retalhos, entendidas aqui como teias de significações que construímos ao longo

de nossa existência enquanto pessoa e profissional, ao qual damos formas de acordo com as relações vividas no seio na sociedade, onde vamos agregando valores, regras, normas. Percebemos por meio das explicitações dos autores supracitados, que vamos dando forma as nossas vivências por meio das experiências ao longo de nossas vidas e nas relações e inter-relações que estabelecemos com o outro a partir das trocas do saber da experiência.

Como procedimentos metodológicos, nós utilizamos de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório/bibliográfico sobre a pesquisa (auto)biográfica e o método (auto)biográfico, confrontando os conhecimentos advindos desse tipo de investigação com as experiências vividas no Programa de Pós-graduação em Educação, mais especificamente na disciplina de Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica.

Conforme vimos discutindo e refletindo nas aulas da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, buscamos nesse estudo realizar um breve recorte teórico sobre o método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores e a questão da subjetividade.

### **O método biográfico e suas interfaces**

O recurso ao método biográfico, embora bastante recente na área das ciências da educação, é uma perspectiva metodológica que foi largamente empregada nos anos 1920 e 1930, pelos sociólogos da Escola de Chicago animados com a busca de alternativas à sociologia positivista. Após esse sucesso o método sofreu um colapso súbito e radical, caindo em quase completo desuso nas décadas seguintes, em razão da preponderância da pesquisa empírica entre os sociólogos americanos. (BUENO, 2002, p. 16)

O método autobiográfico vem sendo abordado há alguns anos, passando por momentos em que quase fora extinto, embora tenha sido umas das alternativas dos sociólogos positivistas, subor-

dinado à observação dos fenômenos. Conforme nos sugere Bueno (2002), nos estudos recentes direcionados à formação de professores tem sido evidenciado que há uma ênfase na pessoa do professor, ou seja, em sua subjetividade e particularidade, fatores até então ignorados ou mesmo desprezados num período anterior à década de 80.

A partir desse recorte histórico, Nóvoa (1995) recorre à publicação de um livro intitulado *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham lançado no ano de 1984, esse feito fez com que a literatura pedagógica fosse invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, considerando carreira, biografias e autobiografias, percursos profissionais e desenvolvimento pessoal dentre outros aspectos.

[...] “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor” Estamos no cerne do processo identitário da profissão docente que, mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor. Afirmação de Jennifer Nias (1991). (NÓVOA, 1995, p. 15).

Chegamos a pensar em como esse processo de desvalorização da subjetividade do professor pode ter implicado de maneira negativa para a compreensão de alguns acontecimentos e também para o avanço a nível de conhecimentos das dimensões pedagógicas e educacionais, corroborando assim para o fortalecimento da profissão docente.

Devemos a Ada Abraham o pioneirismo na retomada das discussões autobiográficas ou de estudos dessa natureza. Pois ela fez emergir na literatura pedagógica estudos sobre a vida dos professores, carreira e percursos profissionais, colocando o professor no centro dos debates educativos, e com ênfase total na sua subjetividade (do professor). Bueno (2002) ressalta as implicações da falta de discussões sobre a subjetividade, visto que esta tem se mostrado promissora para realimentar embates teóricos na área da educa-

ção, sendo que alguns desses embates estavam quase paralisados, justificado pelo acúmulo e ineficácia dos instrumentos de investigação que se tinha disponível.

### **Sua especificidade**

O valor heurístico do método biográfico torna-se então legítimo, não apenas em decorrência deste caráter específico da narrativa, mas, também, porque a biografia é uma micro-relação social. Aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém. [...] há sempre uma tentativa de comunicação, mesmo que seja um interlocutor imaginário, [...] Quem conta sua vida, não conta a um gravador mas sim a um indivíduo. Além do mais, sua narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas uma totalidade de vida que ali se comunica. (BUENO, 2002, p. 20)

De fato, as narrativas compreendem um mundo de conhecimentos para além da simples descrição de fatos de uma vida. Ela nos conduz à análises bem mais aprofundadas e elaboradas a respeito da evolução do homem na sociedade, seus modos, comportamentos, valores, culturas, política, de maneira que contextualizamos todas as nossas experiências numa trama que fora construída num tempo/espço que teve e que tem um grande significado para compreensão de certos fenômenos sociais. As experiências obtidas por meio das narrativas autobiográficas são as mais significativas possíveis, porque ali se está diante não só do objeto de conhecimento, mas do ser, do ator social que reproduz a sua vida, individual e coletiva por meio de relatos.

### **História de vida de professores: o realce das vozes**

Ultimamente no atual contexto em que está inserida a pesquisa educacional é inegável a visualização que as abordagens com histórias de vida de professores tem tomado, a isso deve-se inclusi-

ve a questão da subjetividade como fator desencadeador de adesão de muitos pesquisadores da área da educação e especialmente da sociologia, sendo na educação utilizada na formação continuada de professores (Bueno, 2002, p. 21).

Baseada em diversos autores como Pierre Dominicé (1988<sup>a</sup>, 1990), António Nóvoa (1988, 1992) e Christine Josso (1999), Belmira Bueno (2002) ressalta a falta de uma teoria voltada para a formação adulta, visto que essa lacuna, é gerada pela incapacidade de se pensar a educação para adultos fora de uma perspectiva de avanço, para tanto afirma que:

O adulto tem simultaneamente, uma visão retrospectiva e prospectiva. Ele encontra-se envolvido em uma problemática presente, mas tem uma percepção e uma visão retrospectiva de sua vida que é levada em conta quando se trata de ele próprio pensar o seu futuro. (BUENO, 2002, p. 22)

A esse respeito, Nóvoa (1988, apud Bueno 2002) reflete esse contexto no terreno da formação de professores, acrescentando: [...] considerar o conceito de reflexividade crítica e assumir que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. Estas reflexões nos mobilizam a pensar em pontos relevantes da prática de reflexão sobre os aspectos da própria vida.

Com relação ao duplo aspecto da pesquisa autobiográfica Goodson (1992,1994, apud BUENO 2002) enfoca os seguintes aspectos:

[...] dar voz aos professores supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito dos mestres de falarem de si mesmos. Além disso, ao serem concebidos como sujeitos da investigação e não apenas objeto, eles deixam de ser meros recipientes do conhecimento gerado pelos pesquisadores profissionais (...)

Subentende-se que a voz dos professores ecoa conhecimentos dos mais variados, que vão não só reconstruindo a vida indivi-

dual e coletiva dos mesmos, mas aponta para questões que estão para além do espaço temporal e cronológico, mas nos remete uma práxis, fundamentada em vivências que geram elementos constitutivos para o corpus do conhecimento e do saber profissional docente, esteja ele relacionado a práticas pedagógicas, identidade docente, percurso profissional, profissão e profissionalização docente dentre muitos outros aspectos inerentes à educação.

Dominicé (1988b, apud Bueno 2002) discute a questão das histórias de vida e a subjetividade que nela se encontra, afirmando para tanto que, a história de vida se configura numa outra forma de considerar a educação, pois que não se trata de aproximar a vida da educação como nos remete a perspectiva da pedagogia ativa e educação nova, mas é preciso que consideremos o fato de que a vida é um espaço de formação. Pois, a história de vida de um sujeito segue um trajeto que passa pela família, marcada pela escola, orientado pela formação profissional, sendo assim a educação é constituída de momentos que só vão adquirindo sentido na história de uma vida, no seu desenrolar. (Grifos nossos)

Esta concepção implica, portanto, que se examine, de um lado, a história de vida e de formação intelectual dos professores em seus vários aspectos e fases e, de outro, como já se apontou, em considerar que tanto os professores como os futuros mestres são agentes principais desse processo. (BUENO, 2002, p. 23)

Bueno (2002) atenta para o fato do emprego do método autobiográfico, se este refere-se somente a pesquisa, ou se trata do desenvolvimento de práticas de formação ou se, aplica-se em ambas situações. Ao sujeito volta-se para o seu passado, de modo a reconstituir seus percursos de vida, ele estará refletindo e ao mesmo tempo tomando consciência tanto no plano individual de suas experiências quanto das relações coletivas/sociais que estabeleceu ao longo de sua vida. (p. 23)

## As lições na disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Nesse sentido, a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência no decorrer de suas vivências, seja na família, na escola, com um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Desse modo, o indivíduo participa então de dois tipos de memória na esfera individual e coletiva e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Entrar num Programa de Pós-graduação nos conduz a uma perspectiva inicial de formação continuada. Sem dúvida é um processo árduo, de lutas, de superações, de conquistas graduais.

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) no semestre letivo 2013.1, conseqüentemente nos deparamos com mundo novo, onde a nossa escolha pela linha de formação delimita também as disciplinas a serem estudadas ao longo do curso. Não por acaso, fomos conduzidos a cursar a disciplina de Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, com intuito de enriquecer o trabalho dissertativo.

A disciplina em questão começou o desenvolvimento de suas atividades no início do mês de setembro. Onde nos fora apresentado pelas professoras da mesma o Programa Geral da Disciplina, como também a programação para todo o semestre. Nessa ocasião, percebemos a preocupação das professoras em delimitar temas

específicos, baseados nos objetos de estudo dos pré-projetos (que fora avaliados no processo de seleção). Fora então estabelecido que todo o material, deveria ser lido e compreendido por todos e que nos dividíssemos em duplas para realização de seminários a cada encontro realizado ao longo do semestre.

Aqui pretendemos discutir os temas abordados nas aulas que coadunam-se com o nosso objeto de estudo, uma vez que podemos a partir de então estabelecer relações de cunho reflexivo para com a construção da dissertação.

O primeiro seminário discutia o método biográfico sob uma análise crítica, evidenciado nos estudos de Paulo Castro Seixas (1997). Onde o autor apresenta três vertentes do método biográfico. O autor em questão traz alguns pontos, que pensamos ser base primordial para discussão e reflexão sobre o método biográfico e autobiográfico.

Três grandes questões norteiam o trabalho de Seixas (1997): Porquê que para compreender a profissão do professor se tornou tão importante compreender a sua vida ou parte dela? Se a vida é tão importante para compreender a profissão de professor, porquê é que o método biográfico é tão pouco utilizado como metodologia de socialização profissional na formação inicial e continuada? Por que o método biográfico não é utilizado como terapêutica em momentos de crise da carreira desses professores?

São questões que tanto a priori como a posteriori, farão parte de nossas indagações para que possamos constituir formas de investigação, utilizando o método biográfico e autobiográfico de maneira significativa do ponto de vista formativo e autoformativo, sem correremos o risco de cair numa pura descrição de fatos ou mesmo cair no vazio.

Fomos então contempladas com o texto de Belmira Bueno (2002) intitulado: O método autobiográfico e a formação de professores: a questão da subjetividade, assim como recorreremos a mais uma de suas obras onde a mesma discorre sobre o número

de produções acadêmicas relativas as pesquisas autobiográficas no Brasil, nos congressos e em Programas de Pós-graduação (2006), ao qual nos debruçamos em sua leitura, e consequentemente sentimos a necessidade de refletir obras de autores como Paulo Freire, Shön(1992), Pierre Dominicé(1998), Nóvoa(1998) dentre outros discutidos ao longo da obra da autora.

Consideramos de acordo com Nóvoa (1998) que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”; conjuga diversos olhares, compreensão multifacetada, produz conhecimentos situados na encruzilhada de vários saberes. Consequentemente, trazendo essas reflexões para a nossa formação compreendemos o quanto se faz necessário a busca pelo passado, refletindo e representando em ações presentes e futuras aquilo que de mais relevante fora então realçado pelas experiências passadas.

Com Goodson (1992-1994) compreendemos que “dar voz aos professores supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito dos mestres de falarem de si mesmos” esse reconhecimento nos propõe um repensar a profissão docente, valorizando não só os aspectos subjetivos por meio de suas vozes, mas abrir espaço para a geração de uma contra-cultura que confira aos atores da educação um lugar de destaque e relevância pois como nos conduz Dominicé (1998): “a vida é um espaço de formação” não podemos assim ignorar sua dimensão formativa e autoformativa.

Clementino de Souza (2007): “definição das narrativas constituídas de um tríptico aspecto: como fenômeno, como método investigativo e também como processo de autoformação” sobre estas afirmações de Souza, notamos que o próprio ato de narrar em si se configura num fenômeno, posto que selecionamos, filtramos o que vai e como vai ser dito o que nos impulsiona a nos tornarmos investigadores de nossa própria itinerância docente é o que vai nos colocar diante das proposições de Shön (1992) e os 3 movimentos da ação docente: Conhecimento na ação, reflexão na ação e reflexão sobre a ação e sobre a reflexão na ação. Nesse

processo é que os percursos pessoais e profissionais produzem a pessoa e o profissional.

Certamente, no presente momento nos encontramos diante no decurso da disciplina não podendo ainda, delinear os limites de suas lições para conosco, pois poderíamos estar correndo o risco de restringir as potencialidades formativas e autoformativas dessa para com o nosso repertório de conhecimentos no âmbito da pesquisa Autobiográfica, da memória e da própria formação.

Ainda há muito a construir, a conhecer, a refletir sobre o processo de aprendizado nessa disciplina e na trajetória do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) no presente momento estamos num processo de construção e desconstrução de conceitos, ampliando e delineando nosso modo de pensar e refletir sobre o que já foi escrito sobre a memória a formação e a pesquisa autobiográfica e também o que será escrito por nós ao longo do processo de formação.

### **Considerações finais**

Em seus escritos Paulo Freire já se remetia à essência da escrita de si, a conscientização da sua itinerância e assinala que:

Os “olhos” com que “revejei” já não são os “olhos” com que “vi”. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira devesse ter passado como possivelmente, nas condições diferentes de hoje, passaria. Afinal o passado se compreende, não se muda. (FREIRE, 2003, p. 19).

Os nossos “olhos” as formas de ver o nosso passado, certamente não serão as mesmas, a medida em que novas leituras, posicionamento, análises e reflexões nos possibilitando uma nova forma de “enxergar” esse passado e de representa-lo conforme as condições do hoje. Precisamos admitir como Paulo Freire que o pas-

sado se compreende, baseado nessa leitura de mundo que vamos adquirindo no decurso de nossa vida cotidiana, tendo a consciência de que não podemos muda-lo, mas podemos sim resignificá-lo com base no repertório de que dispomos.

Esses estudos nos possibilitaram analisar em partes, alguns conhecimentos passados na disciplina de Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, o quanto estar sendo significativo as experiências lançadas pela mesma, por meio de um trabalho sistemático, crítico e analítico das professoras que ministram a disciplina.

Aprendemos muito no decorrer desses momentos, e sabemos que ainda temos muito a aprender a avançar, no sentido de novas buscas, da proposição de novos caminhos, baseados nas leituras e discussões aos quais tivemos o prazer de compartilhar com colegas e professores em sala.

Esse é sem dúvida, um momento de continuidades e descon-tinuidades, assim como na vida, onde nada estar definido, pronto e acabado. Percebemos que o método autobiográfico e as histórias de vida de professores entraram em debate não como um método investigativo qualquer, mas como um viés que veio dá sentido e significado as ações docentes e também veio corroborar com uma valorização da profissão destes.

### Referências bibliográficas

BUENO, Belmira Oliveira et al. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente, Brasil (1985 – 2003)**. Educação e Pesquisa, São Paulo; v. 32, n. 2, p. 385 – 410, 2006.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11 – 30; 2002.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2 ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000, p. 63-78.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias de vida**. In: NÓVOA, António; HUBERMAN, Michael; GOODSON, Ivo F.; HOLLY, Mary Louise; MOITA, Maria da Conceição; GONÇALVES, José Albertom; FONTOURA, Maria Madalena; BEM-PERETZ, Miriam. **Vida de professores**. Trad. CASEIRO, Maria do Anjos; FERREIRA, Manoel Figueredo. Ed. Porto Editora – Portugal; 1995.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11-30.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 77-92

SEIXAS, Paulo Castro. **O método biográfico e formação de professores: Uma análise crítica**. In: LEITE, Laurinda et al (Orgs). Didática e metodologia da educação. Braga: Departamento de Metodologia em Educação; Uuniversidade do Minho; p. 909-919; 1997.

SOUZA, Eliseu Clementino; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. **Histórias a contrapelo: escritas de si, (auto)biografia e formação de leitores**. COLLOQUE INTERNACIONAL (1986 – 2007) Le biographique, la réflexivité et les temporalités – Articuler langues, Cultures ET formation, Tours/ França, junho de 2007.